



REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

V. 09 - 2019

PINTO, Lorraine Borges

Universidade e a relação subjetiva do estudante com a realidade acadêmica: relato de licenciandos de Pedagogia

pp. 165-173

DOI 10.5216/teri.v9i1.56084

UNIVERSIDADE E A RELAÇÃO SUBJETIVA DO ESTUDANTE COM A REALIDADE ACADÊMICA: RELATO DE LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA

UNIVERSITY AND THE STUDENT'S SUBJECTIVE RELATIONSHIP WITH ACADEMIC REALITY: REPORT OF UNDERGRADUATE PEDAGOGY STUDENTS

LA UNIVERSIDAD Y LA RELACIÓN SUBJETIVA DEL ESTUDIANTE CON LA REALIDAD ACADÉMICA: INFORME DE ESTUDIANTES DE GRADO EN PEDAGOGÍA

Lorraine Borges PINTO¹

Resumo

A formação inicial é um momento de mudanças, que provoca variadas sensações diante da responsabilidade acadêmica. Desse modo, considerando o humano como ser social, histórico e cultural, o presente trabalho objetiva compreender e analisar as significações atribuídas por estudantes de Pedagogia do último período sobre a vida acadêmica na UFRN. Assim, foi elaborado um questionário através da plataforma Formulários Google, compreendendo oito respondentes. Os dados foram analisados qualitativamente, assim, qualificando as vivências desses sujeitos e suas significações acerca de sua formação. Os resultados demonstram que a maioria dos estudantes afirma a importância da formação inicial não só no âmbito acadêmico, mas também enquanto sujeito social e ativo, explicitando a felicidade de cursar uma graduação, bem como orgulho das vitórias alcançadas. Entretanto, os estudantes afirmam haver um cansaço exacerbado diante da quantidade de trabalhos acadêmicos e carga horária excessiva, gerando ansiedade, angústia e estresse. Desse modo, em consonância com as sugestões dos estudantes para o curso de Pedagogia e para a universidade, é necessário a continuidade da formação integral, mas também a reflexão dos efeitos da formação inicial na vida dos estudantes, em que pensar essas possibilidades vá além da academia, proporcionando ao educando subsídios para uma permanência saudável na universidade.

Palavras-chave: Formação inicial. Significações. Subjetividade.

Resumen

La formación inicial es un momento de cambios que provoca sentimientos encontrados sobre las responsabilidades académicas. Considerando el ser humano como ser social, histórico y cultural, el objetivo del presente trabajo es comprender y analizar las significaciones atribuidas por los estudiantes de Pedagogía del último semestre sobre la vida académica en la UFRN. Se elaboró un cuestionario a través de Google Forms, con ocho alumnos. Los datos se analizaron cualitativamente, calificando las experiencias de vida de estos sujetos y sus significados sobre su formación. Los resultados muestran que los estudiantes afirmaron la importancia de la formación inicial del profesorado no solo en la academia, sino también como un sujeto social y activo, representando su felicidad por estar en una graduación y orgullosos de sus victorias. Los estudiantes afirmaron que se sienten fatigados por la gran cantidad de trabajos académicos y la carga de trabajo excesiva, generando ansiedad, angustia y estrés. De esta manera, es necesaria la continuación de la formación integral, pero también la reflexión sobre los efectos de la educación inicial en sus vidas, en lo que pensar en estas posibilidades va más allá de la academia, proporcionando Subvenciones al alumno para una permanencia sanitaria en la universidad.

Palabras clave: Formación inicial docente. Significaciones. Subjetividad.

Abstract

Initial teacher education is a moment of changes, which provokes mixed feelings about the academic responsibilities. This way, considering the human as social, historic and cultural being, the present work objective to understand and analyze the significations attributed by Pedagogy students from the last semester about the academic life in UFRN. It was elaborated a questionnaire through Google Forms, with eight students. The data was analyzed qualitatively, qualifying the living experiences of these subjects and theirs significations about their formation. The results show that most of the students affirmed the importance of initial teacher education not only in academy, but also as a social and active subject, representing their happiness about being in a graduation and proud of their victories. However, the students affirmed that they feel fatigued towards the great amount of academic papers and excessive workload, generating anxiety, anguish and stress. This way, in consonance with the students suggestions for Pedagogy course and the university, is necessary the continuation of integral formation, but also the reflection about the effects of initial education in their lives, in which thinking about these possibilities goes beyond the academy, providing subsidies to the student for a health permanation in the university.

Keywords: Initial teacher education. Significations. Subjectivity.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, experiência na área de pesquisa em Psicologia Educacional e formação de professores, como bolsista de iniciação científica. Atuando na área de Educação Infantil e em curso de inglês, como professora.

INTRODUÇÃO

A formação inicial é um momento de mudanças para aquele indivíduo que está saindo do ensino médio e entrando em uma graduação. É nesse novo mundo, isto é, o mundo da academia, onde passa a assumir novas atividades, mais complexas que as atividades anteriormente vividas na escola, que sua autonomia será cada vez mais solicitada e o nível de exigência ampliado. Nessa perspectiva, a compreensão do que é a subjetividade humana, o modo como ela se constitui, especialmente durante esse período da vida do estudante, se faz muito necessária. Nesse caso, faz-se importante alertar que partimos do pressuposto de que nos referimos a subjetividade não como produção natural do indivíduo, mas um processo que se constitui pela mediação de sua real existência no mundo. Segundo Marques e Carvalho (2014), todas as vivências do sujeito o afetam emocionalmente.

Assim sendo, a vivência, tal como definida por Marques e Carvalho (2014), é uma questão que não pode ser negligenciada do ambiente universitário, onde muitos estudantes têm travado uma verdadeira batalha a fim de atender a muitas das demandas que o cercam durante o período do curso, isto é, durante quatro anos ou mais da vida na universidade.

Nesse período, os estudantes sabem que precisam renunciar a algumas situações para poderem se dedicar com mais afinco ao que elegeram como prioridade, ou seja, à formação universitária, participando das mais diversas atividades proporcionadas pela academia.

Mas, como se constituem essas vivências? O que os estudantes pensam sobre a vida na universidade? O que esperam do futuro, quando saírem do ambiente acadêmico? O que pensam sobre o papel da universidade na construção da realidade por eles vividas? A discussão acerca dessas questões nos permite apreender não somente o que os estudantes falam sobre a universidade, mas sobretudo a forma como são afetados por ela, a partir do que nela viveram e internalizaram, transformando o social em psicológico.

Compreender o ser humano como um ser histórico, social e cultural significa compreender que sua constituição não tem origem somente numa determinada condição natural, uma vez que é preciso também levar em conta a condição social e histórica que o torna humano (GONÇALVES; FURTADO, 2016). Importante considerar que essa condição é intrinsecamente relacionada a uma dimensão subjetiva da realidade, dimensão esta que se constitui pela mediação da realidade concreta, objetiva.

A dimensão subjetiva da realidade constitui-se, segundo Bock e Aguiar (2016), da dialeticidade entre o social e o individual, a naturalização dos fenômenos sociais e a historicidade que o configura. Mas, como apreender a dimensão subjetiva da realidade? Para isso, lançamos mão de um recurso teórico e metodológico, que é a categoria sentidos e significados (VIGOTSKI, 2001).

Sentidos e significados, aqui definidos como produções subjetivas mediadas por situações objetivas de vida dos sujeitos estão relacionados às suas vivências e, conseqüentemente, são essas vivências que marcam profundamente os indivíduos, devido ao caráter afetivo e emocional que o constitui. São os sentidos e significados que nos permitem, portanto, nos aproximarmos da subjetividade produzida nos espaços de vivência dos indivíduos e, com isso, compreendermos a

relação entre as experiências sociais vividas, como produções humanas e culturais, e as emoções flexíveis, ligadas ao sentir (MARQUES; CARVALHO, 2014).

Nesta perspectiva, em que a subjetividade é compreendida como uma produção histórica mediada pela vivência dos indivíduos, o presente trabalho objetiva compreender e analisar as significações atribuídas por estudantes de Pedagogia do último período sobre a vida acadêmica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Visto que são essas significações que irão diminuir ou aumentar as potências desses sujeitos, contribuindo então para essa formação ou os distanciando dela, pois todo processo de constituição humana desenvolvido está diretamente ligado à afetos (MARQUES; CARVALHO, 2014).

Para atender a realização deste artigo, são utilizados alguns referenciais teóricos da área da Psicologia Educacional, como Bock e Aguiar (2016), Gonçalves e Furtado (2016), Marques e Carvalho (2014), bem como teóricos histórico-culturais, como Vigotski (2001) e Leontiev (1980). São essas referências, portanto, que nos apoiam neste estudo, relacionando os processos de significações vivenciados e produzidos pelos sujeitos e os espaços sociais, dentre eles os ambientes de formação, como a escola e universidade.

Diante disso, como discutido por Toassa (2011, p. 215), “as vivências são os processos dinâmicos, participativos, que envolvem indivíduo e meio. Seus exemplos remetem a uma análise profunda da vivência humana e dos sentidos atribuídos a ela”. Assim, se mostra necessário estudarmos as vivências desses/as estudantes no meio acadêmico em que estão inseridos/as para, dessa forma, apreendermos as significações constituídas sobre os impactos desse ambiente na vida desses sujeitos, resultando, assim, na reflexão acerca da importância de pensar e repensar o âmbito da universidade e a forma como essa é configurada.

METODOLOGIA

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa desenvolvida na disciplina “A dimensão subjetiva do processo educacional” do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Para a realização dessa pesquisa, adotou-se um caráter qualitativo, que “envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN; LINCOLN, 2006, apud AUGUSTO et al., 2014, p. 747). Dessa forma, essa abordagem possibilitou a apreensão das significações constituídas por estudantes do último período de Pedagogia acerca da questão central deste trabalho, ou seja, a vida acadêmica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, considerando, a partir de suas vivências, o que pensam, sentem e agem acerca de sua formação em pedagogia no espaço desse ambiente acadêmico.

O curso, para realização da pesquisa, foi escolhido com base no critério de proximidade das autoras com a Pedagogia. Mas fez-se um recorte no público participante da pesquisa, delimitando-se aos estudantes do último período, tendo em vista tratar-se de um perfil de sujeitos com experiências mais longas no curso – mínimo quatro anos para os estudantes do turno vespertino e

cinco anos para quem estuda no turno noturno.

Para atingir tal fim, desenvolvemos um questionário através da plataforma Formulários Google, o qual continha 4 (quatro) perguntas. As duas primeiras relacionadas a caracterização desses estudantes: idade e se cursou outra graduação. E as outras duas acerca, primeiro, das interpretações e sensações que as/os estudantes apresentam em relação à vida acadêmica no geral, abarcando as significações dadas por elas/es sobre o percurso traçado durante o seu processo de formação; e, em segundo, quais sugestões os mesmos dariam ao curso de Pedagogia e a Universidade diante das experiências vividas nesse espaço.

O questionário foi divulgado em três grupos de Pedagogia formados no aplicativo de troca de mensagens virtuais “whatsapp”, visando a praticidade e maior visibilidade proporcionada por ele. A mensagem foi enviada mais de uma vez, explicando a importância da pesquisa e da colaboração dos alunos. Entretanto, apenas oito alunos/as responderam ao questionário, o que acreditamos estar relacionado à demanda do/a estudante no último período, que compreende, dentre outras tarefas, o trabalho de conclusão de curso.

A seguir, constam a análise e discussão das questões respondidas pelos/as estudantes, buscando fundamentar a sua interpretação a partir dos referenciais teóricos estudados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi respondido por oito estudantes, que apresentam uma faixa etária entre 21 e 43 anos. Todas/os elas/es estão, no momento, cursando o último período de Pedagogia, sendo que duas/dois já cursaram outra graduação – Geografia (licenciatura) e Terapia ocupacional. Contudo, para a maioria dos/as participantes, o curso de Pedagogia é a primeira experiência em uma graduação.

A primeira questão colocada para responderem dizia respeito à forma como se sentiam no curso: “Como você se sentiu no decorrer do curso de Pedagogia? Descreva seus sentimentos e sensações.”, essa questão busca compreender quais são as significações atribuídas por esses/as estudantes às vivências no curso. Conforme, Marques e Carvalho (2014), as vivências estão relacionadas a um caráter emocional e afetivo, marcando a vida da pessoa. As falas a seguir ilustram o que pensam e sentem sobre esse assunto:

Tive a alegria de conviver com pessoas maravilhosas ao longo desses quase quatro anos e, portanto, na maior parte do tempo me sentia feliz por tê-las comigo e pelo privilégio de estudar algo que amo. Mas, em muitos momentos, principalmente nos finais de semestres, me sentia exausta! A cobrança dos professores, a demanda enorme de trabalho, cursar oito disciplinas no semestre... Fico feliz que sobrevivi e que consegui não me deixar abalar tanto. (Participante 1)

A fala da estudante 1 é marcada por uma ambivalência de sentimentos que configura a sua vida na universidade. Por um lado, ela fala da felicidade. Esse é um sentimento que tem origem em duas situações: a relação com os/as colegas e o fato de estudar o que ama. É um sentimento que potencializa o seu vínculo com o curso. Por outro lado, há um sentimento que a fragiliza e tem a ver

com uma série situações, que vão desde a “cobrança dos professores” à sobrecarga de atividade, por “cursar oito disciplinas” em apenas um semestre. Por assumir compromissos que exigem tempo para serem cumpridos, a própria estudante revela que chegou a se sentir exausta em alguns momentos.

Esse sentimento de fragilidade também pode ser apreendido na fala abaixo (participante 2), quando diz que sentiu “alguns momentos de cansaço”.

Os sentimentos foram de conquistas, superações, descobertas, em alguns momentos cansaço (pois a vida acadêmica requer muita dedicação) e orgulho por ter vencido minhas limitações. (Participante 2)

Mas o sentimento de cansaço da/o participante 2 é entrecortado por outros sentimentos, como “conquistas”, “descobertas” e “orgulho”, por sentir que venceu limitações. O sentimento de conquista revela-se prevalente na realização do curso.

Já a participante 3, embora aborde a questão da felicidade, sua fala denota um determinado desequilíbrio entre satisfação e insatisfação, conforme pode ser constatado abaixo

Cansada, aflita, feliz e transformada. Embora as demandas acadêmicas sejam, por vezes, injustas com o educando, me sinto satisfeita de ter mudado meu ponto de vista sobre a minha função social no mundo. (Participante 3)

Uma questão que chama atenção nessa fala é o momento em que a estudante 3 significa como “injustas” algumas demandas acadêmicas vividas na universidade. É uma fala que denota sentimentos complexos, pois também se declara satisfeita e feliz.

As falas das/os estudantes 5, 6 e 7 também se assemelham à fala 3, desvelando prazeres e tensões, realizações e angústias. Ao mesmo tempo em que falam de felicidades, também apontam outros sentimentos, como tristeza, insegurança e nervosismo, desvelando a forma como significam suas experiências na universidade.

Feliz, triste, nervosa, angustiada, orgulhosa, duvidosa, doente, saudável, disposta, sem energia nenhuma e etc. (Participante 5)

Desafio, Insegurança, motivação (Participante 6)

Animada, ansiosa, frustrada, realizada, cansada, esperançosa. (Participante 7)

As/os estudantes 4 e 8 também significam suas experiências no curso de Pedagogia demonstrando afetos muito próximos, como podem ser abstraídos da leitura abaixo:

Estimulado e animado para novos desafios. (Participante 4)

Foi algo totalmente maravilhoso, uma realização de um sonho, uma mudança de vida/pensamento. Apesar de alguns estresses ao longo do curso, compreendo que eles foram necessários para eu me tornar quem sou hoje. (Participante 8)

Tanto o estudante 4 quanto a/o estudante 8 demonstram ter passado por experiências que os implicaram positivamente, levando a sentir-se bem no curso. A forma como se apropriaram do significado do curso, convertendo-o em fenômeno psicológico, parece ter potencializado suas experiências, quase ausentes de algum sofrimento.

Para definir suas experiências no curso, as/os estudantes 4 e 8 utilizam palavras como “estimulado”, “animado”, “maravilhoso”, “sonho”, “mudança”. Apesar de a palavra “estresse” se fazer presente nesse discurso, as demais palavras utilizadas têm um tom positivo e são prevalentes sobre a situação, de modo que parecem revelar um caso de vivência dos sujeitos, em que viveram o curso com alguma intensidade.

A partir das respostas acima é possível perceber que a formação inicial se apresenta como um momento de felicidade, transformação, realização e superação de obstáculos, como citado das mais variadas formas nas falas dos/as estudantes.

Mas atrelado a esse discurso, percebe-se também na fala desses sujeitos a exaustão, insegurança, estresse e tristeza, o/a participante 1 tenta explicar a causa desses sentimentos quando falou “[...] em muitos momentos, principalmente nos finais de semestres, me sentia exausta! A cobrança dos professores, a demanda enorme de trabalho, cursar oito disciplinas no semestre... Fico feliz que sobrevivi e que consegui não me deixar abalar tanto.”

Porém a parte do discurso, em que, apesar da demonstração de alegrias, há também angústias, é muitas vezes ocultado ou negligenciado pela universidade. Denota-se, com isso, que quando não há apoio ou orientação, corre-se o risco de gerar “doença”, adoecimento, sofrimento silencioso, como explicitado pelo/a participante 5 (feliz, triste, nervosa, angustiada, orgulhosa, duvidosa, doente, saudável, disposta, sem energia nenhuma). Desconsiderar as significações apresentadas por esses/as estudantes é desconsiderar a relação histórico-social humana que constitui as suas existências, visto que, de acordo com Leontiev:

os significados levam uma vida dupla. Eles são produzidos pela sociedade e têm seu histórico de desenvolvimento da linguagem, na história do desenvolvimento das formas da consciência social; [...] Nessa sua existência objetiva, os significados obedecem a leis sócio-históricas e, ao mesmo tempo, a lógica interior de seu desenvolvimento. Porém apesar de toda riqueza inexaurível, toda a diversidade dessa vida dos significados, eles permanecem escondidos dentro de outra vida e em outro tipo de movimento - seu funcionamento nos processos da atividade e consciência de indivíduos específicos, ainda que possam existir somente por meio desses processos. Nessa sua segunda vida, os significados são individualizados e “subjetivados” apenas no sentido que seu movimento no sistema das relações sociais não está neles diretamente contido, eles entram em outro sistema das relações, outro movimento. Mas a coisa notável é que, ao fazer isso, não perdem a sua natureza sócio-histórica, a sua objetividade (LEONTIEV, 1980, p. 68, apud AGUIAR ET. AL, 2009, p. 62-63)

Sendo assim, considerar essas significações no âmbito acadêmico é imprescindível para se pensar não apenas a permanência do/a aluno/a na universidade, mas o seu bem-estar, considerando a complexidade desses sujeitos, para que possam se sentir mais motivados para o processo de aprendizagem.

Na segunda questão havia a intenção de se compreender as necessidades dos/as estudantes diante de suas experiências na universidade – “Diante dessas experiências, quais suas sugestões para a universidade e para o curso de Pedagogia?”. De acordo com Marques e Carvalho (2014), a potência do sujeito está intrinsecamente ligada aos afetos, podendo aumentar ou diminuir, de acordo com suas vivências e as causas que a afetam. Dessa forma, nessa pergunta, os/as alunos/as atribuíram soluções às suas necessidades, ou seja, à causa do aumento ou diminuição de suas potências, como pode ser observado nas seguintes falas:

Reavaliar a metodologia de alguns professores, instruindo pra que haja um trabalho mais coletivo, o que evitaria termos tantos trabalhos, além do necessário, ao final dos semestres.

(Participante 1)

Sugiro que o corpo docente continue se esforçando e se colocando no lugar dos alunos. Que um dia, estudar pedagogia na UFRN seja menos pesado no que se refere a uma demanda grande de trabalhos, provas e responsabilidades em prazos que nos tiram a paz espiritual, nos colocando em um abismo de sensações sufocantes e conflitantes. (Participante 3)

[...] a didática de alguns professores que acabam, infelizmente, prejudicando nosso aprendizado. (Participante 8)

Transdisciplinaridade. (Participante 6)

As falas dos/as estudantes acima se referem a metodologia dos professores e demanda de trabalhos presentes na universidade, sendo indicado tanto pelo participante 1, quanto pelo participante 8 a necessidade de uma transdisciplinaridade, contribuindo para um trabalho coletivo entre os professores, assim atendendo a necessidade de redução de trabalhos acadêmicos que torna a rotina “pesada” e provoca esse “abismo de sensações sufocantes e conflitantes”

Os participantes 5, 7 e 8 afirmam ser importante também que haja mudanças no currículo do curso quanto às experiências práticas:

[...] para o curso mais oportunidade de vivenciar a docência e pesquisa ao longo do curso e desde o início. (Participante 5)

O curso dê um foco na prática em sala de aula. (Participante 7)

Acredito que muitas disciplinas propriamente no curso de pedagogia devem ser repensadas, principalmente as que se referem aos estágios do fim do curso, poderiam ser oferecidas no início do curso. (Participante 8)

Como é possível observar, é evidenciado uma necessidade de que a prática esteja mais atrelada à teoria, em que essa se faça mais presente no início do curso, por meio dos “estágios” como explicitado pelo/a participante 8. O/a participante 5 ainda traz a tona a lacuna de maiores oportunidades de vivenciar a pesquisa desde o início do curso.

No caso das/os participantes 2 e 3, elas/es apresentam a necessidade da universidade se manter como um espaço democrático no ingresso de suas/seus estudantes, além da precisão de que essa adote medidas para a permanência dessas/es no espaço, como pode ser observado a seguir:

Que a Universidade e o Curso de Pedagogia continue com o compromisso da formação cidadãos de forma integral de seus alunos. E também que possibilite mais condições de permanência aos universitários, concretizando práticas de flexibilidade para alunos que trabalham e possuem filhos, como também, ações para auxiliar os alunos de baixa renda. (Participante 2)

Que a universidade pública seja ocupada por mais pessoas da classe social baixa, porque embora algumas mudanças tenham acontecido, existem cursos que continuam com a predominância de pessoas pertencentes as classes econômicas melhores favorecidas. (Participante 3)

Percebemos, também, o interesse que a universidade continue a focar na sua prática de formação integral dos sujeitos e a demanda para que esse espaço seja, cada vez mais, ocupado por estudantes oriundos de classes sociais menos favorecidas.

A demanda das/os estudantes por mudanças no cenário da universidade constitui-se como um comportamento recorrente. Por isso, se apresenta como o causador das diversas sensações narradas durante os questionamentos da primeira pergunta. Para as/os estudantes, é preciso que esse espaço seja pensado e repensado por toda a comunidade acadêmica, como forma de tornar o ambiente mais saudável e acolhedor, como explicitado pelo participante 3 ao afirmar que espera “que um dia, estudar pedagogia na UFRN seja menos pesado no que se refere a uma demanda grande de trabalhos, provas e responsabilidades em prazos que nos tiram a paz espiritual, nos colocando em um abismo de sensações sufocantes e conflitantes”.

Nessa perspectiva, revela-se que a universidade, embora esteja em constante mudança, ainda reflete muito a dicotomia existente entre objetividade e subjetividade, o que é bastante criticada pela perspectiva sócio-histórica, tendo em vista que essa visão dicotômica da realidade naturaliza o ser humano e, conseqüentemente, a constituição psicológica do indivíduo, desconsiderando, com isso, uma gama de questões sociais e históricas que universalizam o humano (BOCK; AGUIAR, 2016).

Não obstante, as falas dos sujeitos nos aproximam da realidade vivida, ajudando-nos a compreender que “as vivências constituem-se, assim, em fontes de afetos. Por essa razão, nenhuma vivência pode ter o mesmo sentido ou produzir as mesmas afetações em pessoas distintas, mesmo em se tratando de pessoas que participam do mesmo meio” (MARQUES; CARVALHO, 2014, p. 45). Tendo isso em vista, compreendemos os sujeitos como individuais em suas vivências, não podendo, assim, que esses sejam tomados como “naturais” e “universais”.

Para quebrar esse tipo de concepção, é preciso que a universidade busque compreender, em suas práticas, a subjetividade dos sujeitos enquanto seres históricos, sociais e ativos, constituídos através do trabalho que esses desenvolvem ao transformar a si mesmos e a natureza (GONÇALVES; FURTADO, 2016). Diante disso, a universidade deve se tornar um espaço mais sensível às necessidades desses sujeitos, preocupando-se com a forma que está composta sua configuração, assim como cada curso deve ter como foco, em seu currículo formal e em seu currículo em ação (SANTOS; PARAÍSO, 1996), possibilitar para suas alunas e alunos aprendizagens que sejam realmente significativas e que levem em consideração os limites e necessidades que os constituem como sujeitos, objetivando, com isso, um processo de formação integral que seja saudável e acolhedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, em consonância com o objetivo, analisou as significações atribuídas por estudantes de Pedagogia do último período sobre a vida acadêmica na UFRN, em uma perspectiva histórico-cultural.

Dessa forma, demonstrando por meio dos resultados que a formação inicial é muito importante para formação não apenas acadêmica dos sujeitos, mas também para a sua formação integral, compreendendo os âmbitos sociais, histórico e culturais. Em que estar se formando não

somente o torna um profissional, mas também mais humano, como sujeito ativo e crítico diante de uma sociedade.

Nesse sentido, refletir acerca das subjetividades, a partir das significações constituídas pelos sujeitos, é pensar a complexidade humana e compreender a necessidade de tornar a universidade um espaço também cada vez mais humano. Conforme explicitado nesta pesquisa, os/as estudantes afirmam sentir-se muito felizes e realizados por estarem cursando uma graduação, implicando na superação de obstáculos e vitórias almeçadas, porém, ao mesmo tempo, apontam que o curso é exaustivo devido a grande demanda de trabalhos acadêmicos, atrelados a uma carga horária excessiva, gerando ansiedade, angústia e estresse.

Diante disso, esses/as estudantes apresentaram uma necessidade urgente de mudança na universidade, considerando a configuração na qual está estabelecida, que é baseada na cobrança excessiva para que os/as estudantes produzam a todo momento, o que muitas vezes resulta em uma atividade que, cada vez mais, vai se tornando mecânica, impossibilitando a reflexão desses/as estudantes e os deixando mais cansados e com a carga horária mais pesada.

Dessa forma, é necessário que o currículo da universidade e dos cursos que a compõem, principalmente, no caso do curso de Pedagogia, sejam repensados, objetivando compreender seus alunos e alunas e suas subjetividades, no intuito de tornar o espaço acadêmico mais saudável, por meio do apoio e orientação do corpo docente e profissionais especializados, como psicólogos, possibilitando vivências mais positivas, aumentando, assim, a potência dos/as estudantes.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J. de; LIEBESNY, B.; MARCHESAN, E. C.; SANCHEZ, S. G. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M (Orgs). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009.
- AUGUSTO, C. A.; SOUZA, J. P. de; DELLAGNELO, E. H. L.; CARIO, S. A. F. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 51, n. 4, p. 745-764, dez. 2013.
- BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. de. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação. In: AGUIAR, W. M. J. de; BOCK, A.M. B. (Orgs.). **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016.
- GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. A perspectiva sócio-histórica: uma possibilidade crítica para a Psicologia e para a Educação. In: AGUIAR, W. M. J. de; BOCK, A. M. B. (Orgs.). **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016.
- MARQUES, E. de S. A.; CARVALHO, M. V. C. de. Vivência e afetação na sala de aula: um diálogo entre Vigotski e Espinosa. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 41-50, jan./jun. 2014.
- TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.